

Estudo indica má formação educacional da população

No Rio e em Campinas, maioria de pesquisados apresenta deficiência em leitura e matemática

GABRIELA ATHIAS

O projeto latino-americano de medir habilidades pessoais e competências básicas da população, por meio de pesquisas com entrevistados de 15 a 54 anos, mostra que no Rio de Janeiro e em Campinas a maioria das pessoas – entre 61% e 81% – está classificada no nível mais baixo de proficiência em relação à leitura, à escrita e à matemática. O resultado do *Estudo das Competências Básicas das Populações Jovem e Adulta* foi obtido com exclusividade pelo Estado.

A Organização de Cooperação Econômica para o Desenvolvimento (OCDE), formada pelos 24 países industrializados, considera as competências básicas em leitura, matemática e escrita fundamentais para a formação de um cidadão capaz de inserir-se na sociedade e em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Segundo a coordenadora da pesquisa, Vanilda Paiva, os resultados demonstram que, diante de um texto informativo simples, a maioria dos entrevistados “reconhece o tema, mas não é capaz de diferenciar o fato narrado de uma opinião, além de não ser capaz de localizar uma informação em textos de mais de 30 linhas”.

Estudos realizados em vários países (como o *Internacional Adult Literacy Study*, nos Estados Unidos)

comprovam que o nível de alfabetização é proporcional às oportunidades de treinamento e reciclagem. Os pesquisadores consideraram “inquietante” o fato de só 11% dos cariocas entrevistados e 16% dos campineiros terem participado de cursos de treinamento nos últimos 12 meses. Textos da OCDE dizem que programas de educação continuada requerem “forte compromisso dos indivíduos, empregadores e governantes”.

Quanto maior a escolaridade e o nível de renda, mais alto o nível de proficiência. Em Campinas, os chefes de família com renda superior a R\$ 1.000 encontram-se na escala mais elevada de desempenho. No entanto, no Rio, os resultados obtidos pelos indivíduos com até quatro anos de estudo, nas questões de prosa e nas quantitativas, superaram os dos que estudaram entre cinco e oito anos.

O desempenho dessas pessoas (com até oito anos de estudo), por sua vez, foi equivalente ao das que frequentaram a escola entre nove e onze

anos. Para Vanilda, isso ressalta a importância da “condição de vida como fator determinante do conhecimento”. Pessoas das raças branca e amarela saíram-se melhor nos testes do que os negros e pardos. “Essa diferença sugere os efeitos da discriminação e da posição socioeconômica dos negros e pardos na nossa sociedade”, analisa a coordenadora.

O desempenho dos homens em testes de habilidades, em todo o mundo, tem sido superior ao das mulheres, especialmente em relação à aritmética.

MAIORIA NÃO
DISTINGUE
FATO NARRADO
DE OPINIÃO